

Ciências da Religião: um convite à interdisciplinaridade para a apreciação do fenômeno religioso

Antonio Carlos Coelho¹

Resumo: Em um cenário de globalização e de pluralidade o campo religioso se formada em uma perspectiva diversa, fundamental e dialógica. Diante dessa diversificada conjectura a Ciências da Religião se apresenta, frente a este novo paradigma plural, em que se envereda por um caminho que busca uma nova exegese construída a partir desta pluralidade. E na esteira desta discussão interdisciplinaridade, se apresenta como uma ferramenta, que contribui com a Ciências da Religião para fomentar um diálogo com outras áreas do saber acadêmico. Esta pesquisa, por meio de uma investigação exploratória, com base nos discursos emergentes sobre o tema, tem como objetivo verificar a potencialidade da Ciências da Religião fundamentar discussões teóricas contribuindo, deste modo, a lidar com os fenômenos religiosos, com as distintas áreas de conhecimento com as quais poderá estabelecer interfaces.

Palavras Chaves: 1. Religião. 2. Diversidade. 3. Pluralidade. 4. Interdisciplinaridade.

Introdução

Apesar das transformações da humanidade ao longo de sua caminhada e de certo apuramento na produção acadêmica envolvendo a religião e os seus fenômenos, a religião enquanto objeto de estudos para a Ciências da Religião ainda se mostra um campo a ser explorado.

Dentro do cenário heterogêneo que compõe a contemporaneidade nos permite afiançar que a religião não existenum vácuo social. Esta emerge em situações de colisões de distintas forças que envolvem conflitos e ações dos seres humanos na coletividade, provocando transformações constantes no cenário religioso.

É nesta questão que seguirá este trabalho, em um primeiro momento percebendo a arena religiosa e seus fenômenos como um rico encontro de distintas forças, tornando-a em um abundante espaço para análise e de produção científica.

Em seguida se buscará vislumbrar como a diversidade, como sendo característica ontológica do ser humano, e a sua ação na religião oferecendo novas saídas e alternativas para se trabalhar com o tema.

E por fim entender como a junção da Ciências da Religião e a interdisciplinaridade pode fundamentar discussões teóricas contribuindo, deste modo, a laborar com os fenômenos religiosos.

1. Diversidade cultural: um patrimônio integrador da humanidade.

A humanidade sempre buscou formas de se adaptar ao meio em que vive e durante esses processos foi construindo uma visão de mundo fortemente influenciada pela comunicação e pela linguagem, proporcionando o surgimento de variados tipos de conhecimentos retratando os modos de ser e de estar no ambiente histórico e socialmente construído no qual os indivíduos estão inseridos. Geertz (1973, p. 33) entende este processo como reformulações culturais nas quais “[...] todos nós começamos com um equipamento natural para viver milhares de espécies de vidas, mas terminamos por viver apenas uma espécie”.

Durante processo de socialização, em certo período temporal e espacial, grupos humanos pertencentes aos mais variados territórios e territorialidades tornaram disponível, por meio de sua cultura, os conhecimentos construídos e ao relacionarem com outras culturas, passaram a dar visibilidade as suas experiências e os significados destas interações.

Estes conhecimentos, produzidos ao longo do tempo, são considerados por Hegel (1974) como patrimônios da razão humana. O surgimento não foi algo espontâneo e sem preparação, mas uma consequência de uma construção, de uma sapiência que, trabalhada por gerações de seres humanos que o precederam, proporcionaram mais nitidez aos fatos e as práticas cotidianas, tornando-se um patrimônio, uma herança da humanidade.

Boas (2011) aponta que cada unidade da espécie humana se remete a um processo evolutivo, impossível de repetição na historicidade, como também não está atrelado a uma lei abrangente e atemporal. O autor percebe neste procedimento que apesar da independência humana em relação a sua origem geográfica, surgem similaridades que podem estar relacionadas com a sua própria história e no relacionamento humano ou por uma identidade estrutural mental característica do ser humano. Entende Pereira (2011, p. 117) que,

¹ Mestre em Ciências da Religião pelo Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica – Belo Horizonte/Minas Gerais – Brasil

o “tipo” anatômico, a língua e a cultura não têm, necessariamente, o mesmo destino. Suas argumentações comportam, portanto, a convicção de que as qualidades naturais, as aspirações e as necessidades dos seres humanos são substancialmente idênticas em cada povo, seja ele “primitivo” ou “civilizado”, independentemente da sua origem geográfica.

Nessa independência é que o ser humano apresenta-se como um possuidor de direito de existir e de ser respeitado nas suas singularidades e escolhas. Esta diversidade, uma constante na espécie humana, proporciona um caráter transtemporal que o instiga a um contínuo movimento de existência e evolução. Como representação dessa expressão humana, este movimento abrange todo o complexo dentro da sociedade e, nesta relação de igualdade e complementação que todos os direitos devam ser respeitados e protegidos, por compreender que a humanidade, na sua essência incompleta encontra no outro todas as prerrogativas de uma vivência equilibrada.

A importância desta diversidade humana por meio de sua cultura e a consequente proteção, dentro dos direitos humanos, se faz por apreender que a “cultura [...] não é apenas um ornamento da existência humana, mas [...] uma condição essencial para ela. Não existe algo como uma natureza humana independente de cultura”. (GEERTZ, 1973, p.46 e 49).

Do ponto de vista de Geertz (1973, p. 33) estes patrimônios de símbolos são informações que, na sua maioria, já se encontrava instituída na comunidade desde o advento de um indivíduo e

permanecem em circulação após a sua morte, com alguns acréscimos, subtrações e alterações parciais dos quais pode ou não participar. Enquanto vive, ele se utiliza deles, ou de alguns deles, às vezes deliberadamente e com cuidado, na maioria das vezes espontaneamente e com facilidade, mas sempre com o mesmo propósito: para fazer uma construção dos acontecimentos através dos quais ele vive, para auto orientar-se no curso corrente das coisas experimentadas.

E estes acréscimos, subtrações e alterações, associados a fragmentos de diferentes proveniências sociais de distintas culturas, possibilitaram reedição de mitos, lendas e de narrativas, reassentando o surgimento de novos sentidos, interpretações e narrações, em um processo de (re) construção identitária.

Igualmente, própria identidade cultural de um povo não pode ser entendida como sendo algo natural ou intrínseca ao indivíduo. Como patrimônio, uma herança da humanidade, esta identidade, já existia antes dele, ou seja, o preexistia, assim entende Chartier (2002) e como a cultura se modifica, nesta razão, ela permanece em constante movimento, fluídica e itinerante, sendo “construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam”. (CHARTIER, 2002, p. 17). A identidade cultural, como afirma Pacheco (2010), “não é uma imposição inocente, nem uma, apropriação, de todo, inconsciente [...] uma vez que é construída, manipulada e política”.

A cultura, bem como a sua diversidade, não pode ser compreendida como um enfeite, uma alegoria diante da existência do ser humano, ela torna-se essencial para explicar a sua especificidade. Dentro deste princípio afirma Chartier (2002, p. 17) que, as percepções do social “não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à causa de outros, por elas menosprezadas de forma a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas”.

De acordo com Vincent (1986 apud PIOVESAN, 2013, p. 12) cada cultura “possui seu próprio discurso acerca dos direitos fundamentais, que está relacionado às específicas circunstâncias culturais e históricas de cada sociedade. Não há moral universal, já que a história do mundo é a história de uma pluralidade de culturas, [...] produzem seus próprios valores”.

A diversidade cultural se apresenta como um patrimônio integrador da humanidade ao propor uma unicidade como um direito básico de cada grupo humano, ao renovar um consenso universal dentro de uma pluralidade, como um direito humano, aprofundando deste modo uma interdependência entre valores culturais, democratizando uma consciência em que se observam os direitos sociais, econômicos e culturais, e vice-versa, como parte integrante da humanidade.

O encontro com o outro e a sua relação com o próximo é fundante do próprio sujeito, que por meio da utilização dos signos, representações, interpretações transformam-nas em ferramentas mediadoras da própria atividade humana e de mudança cultural. E a perspectiva de mudança mantém “juntas duas ideias aparentemente opostas, mas complementares: a ideia de alteração e a de continuidade; a de diferença e de identidade”. (OAKESHOTT, 2003, p. 165).

Em suas análises Canclini (1997) alerta para que se deve focar no entendimento desta dimensão cultural com sendo uma capacidade de preservar a individualidade das culturas, mas ao mesmo tempo, promove um livre exame de todos os pontos de vista. E esta diversidade cultural possibilita um intercâmbio entre os

povos, abre novos horizontes para uma consistência social, religiosa e cultural, oportunizando uma troca de experiência entre os envolvidos.

Não existe neste contato e diálogo um enfraquecimento ou um abandono, mas ao contrário, a cultura privada de um povo em sua sensibilidade comum e relativa ao se abrir para questões universais neste encontro oportuniza a sua cultura um enriquecimento com a nova percepção cultural, provocando um questionamento do equívoco de sua homogeneidade cultural. Para BOBBIO (2004, p. 13) os direitos da humanidade “são aqueles cujo reconhecimento é condição necessária para o aperfeiçoamento da pessoa humana, ou para o desenvolvimento de sua civilização”.

Por certo, não se pode declarar uma harmonização diante da diversidade cultural humana, as guerras relacionadas na historiografia mostram como distintas culturas a partir de suas identidades, crenças, interpretaram de forma anacrônica, por vezes preconceituosa e hierarquizada, a cultura do seu próximo. Por vezes esse comportamento tinha por objetivo a manutenção de uma identidade cultural pura, renegando as diferenças, trilhando um caminho de conflito, de domínio, de colonização como forma de suprimir o diferente.

Mas na contemporaneidade,

pensar ou refletir sobre o *ethos* sua relação com os direitos humanos implica necessariamente entender os (des) dobramentos e (des) contextos da sociedade em que vivemos. Isso mostra que devemos pensar a sociedade a partir e com a diversidade cultural. Não é possível pensar ou entender o *ethos* sem os pressupostos dessas diversidades – na perspectiva de sua liberdade. Todos devem ser respeitados nas suas mais diversas manifestações. (WICKERT, 2013, p. 43).

Existir na diversidade requer um exercício para a coexistência de pluralidade igualitária em direito, sendo um exercício constante de reverência a dignidade e de direitos humanos do seu próximo. A discriminação de seus pares a partir de rótulos díspares como vestuário, religiões, linguagem, danças ou outras tradições torna-se desrespeito ao seu direito humano de ser o que são, seres humanos, pois, a diversidade cultural definida pela Unesco “é tão necessária para a humanidade como a biodiversidade para a natureza”. (BOKOVA, 2019, p. 1).

Como apresentado por Trindade (1997, p. 418), a universalidade dos direitos humanos

decorre de sua própria concepção, ou de sua captação pelo espírito humano, como direitos inerentes a todo ser humano, e a ser protegidos em todas e quaisquer circunstâncias. Não se questiona que, para lograr a eficácia dos direitos humanos universais, há que tomar em conta a diversidade cultural, ou seja, o substratum cultural das normas jurídicas; mas isto não se identifica com o chamado relativismo cultural. Muito ao contrário, os chamados relativistas se esquecem de que as culturas não são herméticas, mas sim abertas aos valores universais, e tampouco se apercebem de que determinados tratados de proteção dos direitos da pessoa humana já tenham logrado aceitação universal.

Importante compreender que a universalidade cultural não impede uma vivência relacional entre os seres humanos e a sua aptidão para diálogo, mas ao contrário, esta universalidade, protegida pelos direitos humanos, vem demonstrar uma unidade concreta do gênero humano e suas especificidades.

Nesta perspectiva, esta diversidade cultural não ameaça o legado humano de cada tradição, uma vez que a sua formatação não se fixa no passado, mas é construído para o futuro, dentro de uma crescente plasticidade cultural como consequência de uma atuante circulação mundial e de uma acelerada rede de comunicações.

Em um mundo cada vez mais caracterizado pela aproximação de culturas, como a religião pode contribuir para um empenho a proporcionar um diálogo intercultural. Neste sentido a Ciências da Religião pode favorecer, por meio de discussão acadêmica, a construção de um discurso de entendimento entre distintas religiões? Essa é a questão que orientará a próxima sessão deste artigo.

2. Religião: um campo rico de pesquisa e discussão acadêmica

As sociedades humanas têm como característica, em todos os níveis de sua complexidade, modificarem sem cessar, compondo um “conjunto de processos interconectados de múltiplos níveis” (SZTOMPKA, 1998, p. 111), o que demonstra a sua evolução do passado para o presente.

Em decorrência deste processo ao longo da história humana se observa o desenvolvimento de uma “dimensão simbólica gerada de acordo com as possibilidades e necessidades de cada grupo social” (CORRÊA, 2008, p. 25), configurando distintas formas de manifestação cultural que não pode “ser analisado como um fenômeno autônomo”. (SZTOMPKA, 1998, p. 45).

O pluralismo interpretativo do ser humano possibilitou a formação de distintas culturas, valores, conhecimentos, padrões sociais e religiosos, bem como estilos e maneiras de agir, com a finalidade de substanciar a sua sociedade. Portanto, a diversidade dentro desse processo, ao longo da história, precisa ser compreendido como um valor central de uma sociedade futura que instrumentaliza bases de uma universalidade humana dentro da sua diversidade.

Para Ortiz (2015, p.45) a diversidade tem

qualidades positivas, antes atribuídas ao universal, deslocam-se para o pluralismo da diversidade. Talvez o exemplo mais emblemático disso seja a redefinição do mito de Babel [...] em que a diferença é sinal de riqueza, patrimônio a ser preservado, porém, simultaneamente, fonte potencial de conflito diante de um destino comum.

O fenômeno religioso não se distancia destas características apresentada pelo pluralismo interpretativo do ser humano, pois, este aparece como um “*feedback*” do ser humano, de distintas culturas, em busca de um nexo “*numinoso*” (OTTO, 2007). Este sentimento lhe atraiu, em um movimento antagônico, entre hesitação e extase, deste modo, a religião “faz parte da condição humana do ser humano”. (HOCK, 2010, p. 25)

Esta totalidade plural, que constitui a religião, construiu visões de mundo que, em um primeiro momento, fundamentou míopias fragmentadas que distorceram a percepção e as relações inter-humanas (MORIN, 2000; ARMSTRONG, 2001). Com o aperfeiçoamento da cognição humana estas compreensões foram se transformando, possibilitando o surgimento de sistemas complexos para o entendimento do sagrado. Para Moraes (2010, p. 6) “tanto o sagrado quando o arquétipo são ideais ou conceitos, que não se aprende racionalmente, é necessário viver a experiência do sagrado ou do arquétipo para compreendê-las”.

Observa-se, neste sentido, que a experiência religiosa como “exercício de aprender com a realidade” (PANASIEWICZ, 2013, p.590), foi constante nas mais variadas civilizações demarcando uma diversidade cultural (BOAS, 2011; DURKHEIM, 2003) e religiosa (STEIL, 2007).

A sociedade, por meio da função agregadora da religião, criou um sistema de representação, com o propósito de produzir sentimentos que, compartilhados por seus membros, visava regular a conduta individual no nicho social que o cerca. De acordo com Durkheim (2003) a religião é uma representação do social, uma realidade que exprime sentimentos e pensamentos reais, portanto, não há do que se falar em religiões falsas, pois todas trazem, a sua maneira, verdades que respondem suas as necessidades.

Por estas razões, acreditamos ser muito oportuna, a produção de conhecimento científico, sobre a religião e seu fenômeno religioso, pela relevância desta no seio da humanidade. Neste caso, Menezes (2011, p. 3) alerta que

cada vez mais pesquisadores vêm demonstrando uma tendência a ultrapassar esta frágil fronteira deste estreito berço epistemológico em busca de convergência com as demais formas de saber, destacando-se o conhecimento contido na sabedoria religiosa. Autores como Fritjof Capra (2006) que apontam para a presença de princípios místicos em conceitos da física moderna ou Russel Stannard (2001) que questiona novas maneiras de praticar uma Ciência não-excludente. No ângulo oposto, também encontramos religiosos que abraçam cada vez mais as causas científicas, forçando o rompimento de dogmas e estratificações causadas por tradições estagnadas. Uma das conseqüências desse movimento encontra-se na aproximação de algumas vertentes místicas e/ou religiosas ao status científico, como a Teosofia, o espiritismo ou a ciëntologia. Também constata-se o avanço desta a outras áreas, ampliando seu campo de atuação e abrangência no sentido de produzirem uma contribuição mais pungente ao quadro geral.

Isto posto, se pensarmos a religião ao longo da história, esta se apresenta como um rico campo de investigação e inquirição acadêmica, dentro deste contexto de pluralidade, achando-se inserida no âmbito dos mais distintos movimentos: econômico, intelectual, na construção de universidades e na produção de pensamentos.

Diante de uma conjuntura diversificada e complexa que é o mundo marcado por um pluralismo e um trânsito que não é só cultural, mas também religioso, se percebe a importância de uma abordagem interdisciplinar para se produzir um “conhecimento num diálogo permanente entre as disciplinas acadêmicas e as crenças, práticas, percepções e saber religiosos”. (FOLLMANN, 2014, p. 222).

De outra parte, a relação da Ciências da religião e as demais disciplinas acadêmicas, demonstram que o trânsito de conhecimento produzido podem se realizar sem fronteira e/ou barreiras, diante de um rico campo em

que a religião está inserida, o que vem indicar mais questões a serem resolvidas e pesquisadas privilegiando um diálogo entre distintas áreas do saber.

3. Ciências da Religião e o paradigma da diversidade humana

Na historiografia humana se caracteriza mais por uma tentativa de universalizar do que por distinguir a importância das diferenças. Por esta razão que, o tema da diversidade torna-se importante para estudo dentro da Ciências da Religião, ao se buscar uma exegese na construção de uma ensino democrático e mais inclusivo.

A partir do reconhecimento desta diversidade pela academia, criou-se um raciocínio

mais flexível, cuja pretensão é fornecer descrições ou explicações abrangentes e totalizantes do mundo e da vida, fato que proporciona a possibilidade de manifestações de muitos processos de hibridização cultural. Esses processos podem ser definidos por meio de várias linguagens que se interpenetram. (CORRÊA, 2008, p. 104-105).

O que demonstra a capacidade da humanidade de se transformar a partir de uma “unidade originária” (MORIN, 2000), ou seja, o princípio de interdependência entre unidade e diversidade. Deste modo, o ser humano é “plenamente biológico, mas, se não dispusesse plenamente da cultura, seria um primata do mais baixo nível. A cultura acumula em si o que é conservado, transmitido, aprendido, e comporta normas e princípios de aquisição”. (MORIN, 2000, p. 55).

Esta nova exegese, entendida a partir desta “unidade e diversidade” (MORIN, 2000) em que variantes linguagens se interpenetram (CORRÊA, 2008; ARMSTRONG, 2001) não se pode excluir a religião.

A diversidade está no ontológico do ser humano. Não está apenas nos traços psicológicos, culturais, sociais do ser humano. Existe também diversidade propriamente biológicas no seio da unidade humana; não apenas existe unidade cerebral, mas mental, psíquica, afetiva, intelectual; além disso, as mais diversas culturas e sociedades têm princípios geradores ou organizacionais comuns. É a unidade humana que traz em si os princípios de suas múltiplas diversidades. Compreender o humano é compreender sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade. (MORIN, 2000, p. 55).

A Ciências da Religião, neste paradigma de “unidade e diversidade” (MORIN, 2000), não se furta a esquadriñar, de inventariar “materiais de distintas áreas de trabalho – Etnologia, Ciência do Folclore, Ciências Históricas etc – para, sobre essa base, poder descobrir relações fundamentais na descrição de mitos, ritos, cultos, ideias sobre a alma etc”, (HOCK, 2010, p. 217), evitando uma “cegueira do conhecimento” (MORIN, 2000). Do mesmo modo, conforme aponta Hock (2010, p. 218), somente uma “discussão interdisciplinar sobre os fundamentos da atuação da religiosa contribui para a superação do evolucionismo, predominante no século XIX e parte do XX”.

Os desafios para abordar a diversidade cultural/religiosa, dentro da dimensão de distintos credos, seitas e religiões das mais variadas pertencças, representados em nossa sociedade, esbarram em muitos casos em preconceitos e intolerâncias. A Ciências da Religião instalada em uma reflexividade de desmitificação favorece uma ação de leitura crítica e histórica destas dimensões, ao empregar “conhecimentos sobre religiões e culturas – não somente estranhas, mas geograficamente muito distantes ou entremes presentes na proximidade imediata, mas também sobre a própria, que as vezes tornou-se estranha”. (HOCK, 2010, p. 227).

A independência da disciplina em tela é primordial para este entendimento. A importância do desenvolvimento, produção e divulgação deste material produzido diante do paradigma da diversidade (social/religiosa), presente em nosso país e outros, permite ao ser divulgado, demonstrar como este processo torna-se possível, por meio de uma compreensão da realidade mediante a integração social. Contribui para uma argumentação objetiva um “aprender a conhecer o diferente [...] orientar-se no estímulo a educar para a diversidade” (Panasiewicz, 2014, p. 280), não só de uma visão cristocêntrica, mas, dentro de um nicho de pluralismo religioso em tempos de diversidade.

4. A Ciências da Religião e a sua interdisciplinaridade

Observando as variações sócio/cultural/religiosa produzidas, dentro de um cenário diversificado, seria despojado de valor apontar uma única área de conhecimento capaz de abarcar e explicar a realidade que nos cerca. Ao longo da historiografia humana foi surgindo áreas de saber que trouxeram para si a responsabilidade de se produzir conhecimento.

Neste contexto o que se busca são novas perspectivas de reflexões, procedimentos metodológicos, criados a partir das necessidades de se entender este processo pluralizado. Urge uma relação próxima entre as áreas do saber, departamentos acadêmicos que visem investigação e de produção de conhecimento. Isto posto, não se quer dizer ruptura de fronteiras entre as distintas áreas do saber, mas uma proposta de uma convivência colaborativa entre estas áreas. Neste sentido a prática interdisciplinar de pesquisa ocorre em meio a diversos contextos possibilitando um empreendimento coletivo que favorece o conhecer estas realidades.

Tais expressões vêm tão somente confirmar a importância da credibilidade da interdisciplinaridade, em contribuir para um argumento, um método, um sistema capaz lidar com essa complexidade contemporânea global e o seupluralismo religioso, entendo que o presente “atual está fadado a assumir a constituição plural da realidade e terá de enfrentá-la na pluralidade das compreensões disponíveis e na perspectiva relacional orientada pela soma de diferentes perspectivas disciplinares”. (FERREIRA; SENRA, 2012, p. 253)

A Ciências da Religião não se apresenta como uma ilha de conhecimento e nem proprietária deste, mas se apresenta como “uma mediadora, com base em seus pareceres específicos [...] ao criar a ocasião para a reflexão crítica sobre nosso próprio ponto de vista por meio da revinculação dos resultados de estudos científico-religiosos com a nossa própria cultura e a religião na qual vivemos” (HOCK, 2010, p. 229).

A própria Ciências da Religião, dentro deste processo interdisciplinar, aprende que não pode se resumir suas pesquisas apenas: a mapear, elucidar, interpretar acontecimentos, mas também deve limitar as suas próprias verdades, mesmo porque, segundo Greschat (2005) essa ciência não tem características das ciências naturais, não obedece a um critério de exatidão.

neste sentido, a disciplina pode desenvolver, no contexto de discussões interdisciplinares sobre assuntos relativos à religião, uma função crítica a elementos ideológicos introduzidos por outras ciências. [...] a necessidade de um cientista da religião de "disciplinar" suas preferências e convicções particulares, quando trabalha de acordo com as regras da sua comunidade científica, pode ter repercussões na sua vida privada. Tratar-se-ia de um efeito colateral no cotidiano individual de um estilo de pensamento propagado na esfera acadêmica. Pode-se conceber este efeito em termos de uma crítica à ideologia, na medida em que a atitude de neutralidade, cultivada através da prática da Ciência da Religião, possibilita que o indivíduo ganhe maior objetividade também no seu cotidiano, quando confrontado com alternativas que diferem de suas próprias preferências. (USARSKI, 2001, p. 4).

Por certo que as representações do discurso religioso inserido na “modernidade líquida” (BAUMAN, 2001) desenvolvem-se segundo as reações individuais do ser humano, provocadas por um discurso com atributos e múltiplos sentidos polissêmicos, expostos pela linguagem.

A própria língua funciona ideologicamente, ou seja, tem em sua materialidade esse jogo, o lugar da falha, do equívoco: todo enunciado [...] é linguisticamente descritível como uma série de pontos de deriva possível oferecendo lugar à interpretação. Todo enunciado está intrinsecamente exposto ao equívoco da língua, sendo, portanto suscetível de tornar-se outro. Esse lugar do outro enunciado, é lugar da interpretação, manifestação do inconsciente e de ideologia na produção de sentido e na constituição dos sujeitos. (ORLANDI, 1998, p. 11).

Este caráter polissêmico do discurso religioso que leva a Ciência da Religião a uma interdisciplinaridade (MORIN, 2000), a fim de compreender e esclarecer esta diversidade de expressões religiosas e, ainda, assinalar aberturas descontinuas de fronteiras e de possibilidades para uma convivência inclusiva em um círculo solidário e pluralista. Deste modo

as Ciências da Religião advêm de um momento importante, que é aquele quando as expressões humanas do sagrado são estudadas como temas de análises e compreensões teóricas no horizonte das Ciências Humanas – mas, nunca rejeitando a interdisciplinaridade e a cooperação científica, inclusive com as outras grandes áreas do conhecimento. (JUNIOR, 2015, p. 81).

A interdisciplinaridade para a Ciências da Religião possibilita uma intensa interlocução metodológica entre as áreas coirmãs e a apresenta como mediadora, como já dito, entre diversos campos do saber possibilitando uma cooperação e o avanço de uma compressão de uma práxis religiosa.

Conclusão

Dentro de tudo que foi apresentado entende-se que a Ciências da Religião, a partir da interdisciplinaridade, procura romper certo isolacionismo acadêmico ao indicar uma integração de conhecimento por meio de umacirculaçãoininterrupta de discussão e de reciprocidade, aquilatandoquestões de convergência que leva ao desenvolvimento e a produção de novas compreensões a respeito da diversidade religiosa.

Para LIMA (2008, p. 211) devido a toda “essa polissemia nas interpretações dadas ao fenômeno religioso, fruto da diversidade epistemológica com que ele é encarado, penso que o enfoque a ser dado nos programas de pós-graduação em ciências da religião, deva ser o da interdisciplinaridade”na Ciências da Religião.

A potencialidade da Ciências da Religião como nova exegese, aofundamentaruma metodologia de produção do conhecimento interdisciplinar contribui, deste modo, com um ensino inclusivo, com uma pesquisa plural, favorece um intercâmbio não só entre seus pares, mas também da comunidade com o ambiente acadêmico, permitindo trocas de experiências fugindo talvez de uma abordagem de noção positivista e cartesiana.

Na liberdade da Ciências da Religião, esta apresenta, segundoUSARSKI (2001) uma fundamentação epistemológica que passa não só por uma linguagem acadêmica mas também por uma abordagem social, que vai culminar com uma Ciências da Religião aplicada bem como na sua empregabilidade.

Referências

- [1]. ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus: O fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo**. Tradução HildegardFeist: São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- [2]. BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- [3]. BOAS, Franz. **A mente do ser humano primitivo**. Tradução de José Carlos Pereira. Petrópolis: Vozes, 2011.
- [4]. BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. Tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- [5]. BOKOVA, Irina. Mensagem do Dia Mundial da Diversidade Cultural para o Diálogo e para o Desenvolvimento. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/about-this-office/single-view/news/message_from_ms_irina_bokova_director_general_of_unesco_on-55/>. Acesso em: 15 ago 2019.
- [6]. CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa PezzaCintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.
- [7]. CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- [8]. CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira. **Cultura e diversidade**. Curitiba: IBPEX, 2008.
- [9]. DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- [10]. FERREIRA, Amauri Carlos; SENRA, Flávio. **Tendência interdisciplinar das Ciências da Religião no Brasil. O debate epistemológico em torno da interdisciplinaridade e o paralelo com a constituição da área no país**. Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, p. 249-269, 2012.
- [11]. FOLLMANN, José Ivo. **Produção do conhecimento e processos religiosos de identidade: apontamentos transdisciplinares para refletir sobre a Academia e o Ensino Religioso**. Numen, v. 17, n. 1, p. 205-229, 2014.
- [12]. GEERTZ, Clifford. O impacto do conceito de cultura no conceito de homem. In: **The Interpretation of Cultures**. Nova York: Basic Books, 1973.
- [13]. GRESCHAT, Hans-Jurgen. **O que é Ciência da Religião?** Tradução Frank Usarski. São Paulo: Paulinas, 2005.
- [14]. HEGEL, Georg Wilhelm Friederich. **Introdução à história da filosofia**. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. Coimbra: Arménio Amado, 1974.
- [15]. HOCK, Klaus. **A introdução à Ciências da Religião**. Tradução de MonikaOttermann. São Paulo: Loyola, 2010.
- [16]. JÚNIOR, Manoel Ribeiro de Moraes. **A dimensão teórica das Ciências da Religião. Uma discussão preliminar**. REVER. v. 15, n. 02, p. 80-106, 2015.
- [17]. LIMA, Marcelo Lyra Camurça. Observação de um antropólogo a partir da experiência no corpo docente de um programa de pós-graduação da área. In.:**A (s) ciência (s) da religião no Brasil: afirmação de uma área acadêmica**. Faustino Teixeira (org). São Paulo: Paulinas, 2008.

- [18]. MENEZES, Walério de Andrade. **Psicologia e religião: um estudo de convergência**. Disponível em: <<https://www.monografias.com/pt/trabalhos3/psicologia-religiao-estudo-convergencia/psicologia-religiao-estudo-convergencia.shtml>>. Acesso em: 11 nov. 19.
- [19]. MORAES, Fabrício Fonseca. **NUMINOSO: Do sagrado de Otto ao Arquétipo de Jung**. Disponível em: <<https://cepaes.com.br/blog/texto-numinoso-do-sagrado-de-otto-ao-arquetipo-de%20A0jung>>. Acesso em: 15 jan.18.
- [20]. MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez, 2000.
- [21]. NAUFEL, Lucas Zambusi, SARNO, Maíra Terra Cunha Di, & ALVES, Maria Augusta Junqueira. **O conhecimento médico a respeito das diversas religiões nos cuidados pediátricos**. Revista Paulista de Pediatria, v. 37, n. 4, p. 479-485, 2019.
- [22]. OAKESHOTT, Michael. **Sobre a história e outros ensaios**. Rio de Janeiro, 2003.
- [23]. ORLANDI, Eni Puccinelli. **Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico**. Rua, v. 4, n. 9, p. 11-19, 1998.
- [24]. ORTIZ, Renato. **Universalismo e diversidade: contradições da modernidade-mundo**. São Paulo: Boitempo, 2015.
- [25]. OTTO, Rudolf. **O Sagrado: os aspectos irracionais na noção de divino e sua relação com o racional**, Petropolis: Vozes, 2007.
- [26]. PACHECO, Joice Oliveira. **Identidade cultural e alteridade: problematizações necessárias**. Spartcus. Santa Catarina: UNISC, 2010.
- [27]. PANASIEWICZ, Roberlei. **Categorização de experiências transcendentais: uma leitura da religiosidade, da fé e da religião**. Ver. PistisPrax. Teol Pastor, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 587-611, 2013.
- [28]. PANASIEWICZ, Roberlei. Pluralismo religioso em tempos de diversidade. In.: **Dimensões e desafios políticos para a diversidade cultural**. MIGUEZ, Paulo; BARROS, José Márcio; KAUARK, Giuliana (Orgs). Salvador: EDUFBA, 2014.
- [29]. PEREIRA, José Carlos. **Educação e cultura no pensamento de Franz Boas**. Ponto-e-vírgula, v. 10, n. 10, p. 10: 101-118, 2011.
- [30]. PIOVESAN, Flávia. **Direitos humanos e o direito constitucional internacional**. São Paulo: Saraiva, 2013.
- [31]. STEIL, Carlos. A modernidade fragmentou o campo religioso e fez emergir uma diversidade de religiões. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/940-carlos-steil-1>>. Acesso em: 22 jun. 06.
- [32]. SZTOMPKA, Piotr. **A sociologia da mudança social**. Tradução de Pedro Jorgensen Júnior. São Paulo: Civilização, 1998.
- [33]. TRINDADE, Antônio Augusto Cançado. **Desafios e conquistas do direito internacional dos direitos humanos no início do século XXI**. Disponível em: <<https://www.oas.org/dil/esp/407-490%20cancado%20trindade%20OEA%20CJI%20%20.def.pdf>>. Acesso em: 22 Set 19.
- [34]. USARSKI, Frank. **O potencial da Ciência da Religião de criticar ideologias – um esboço sistemático**. Disponível em: <https://www.pucsp.br/rever/rv2_2001/t_frank.htm>. Acesso em: 15 ago.15.
- [35]. VINCENT, R. J. **Human Rights and International Relations**. Nova York: Cambridge University Press, 1986.
- [36]. WICKERT, Tarcísio Alfonso. Ethos e direitos humanos: um legado da diversidade cultural. (in) **Diversidade religiosa e direitos humanos: conhecer, respeitar e conviver**. Reinaldo Matias Fleuri (orgs). - Blumenau: Edifurb, 2013.



Mestre em Ciências da Religião pelo Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica – Belo Horizonte/Minas Gerais – Brasil (2018); Mestre em Teologia, pela Faculdade de Teologia – Uberlândia/Minas Gerais – Brasil (2016); Pós-Graduado em: História Cultural e da Arte, pela Universidade Federal de Minas Gerais - Brasil (2005); Planejamento e Estratégia, pela Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra - Minas Gerais - Brasil(2005). Graduado em História pelo Centro Universitário Newton Paiva - Minas Gerais - Brasil (2003), Especialista em implantação e gerenciamento metodológico em Ensino de Aplicações Militares - Minas Gerais – Brasil (1988).